

## Cantar

Prefácio do livro *Uma Força Estranha*, de Bianca Bruno. ♦

**Marcus André Vieira**

Há bem mais na experiência humana do que pode imaginar a normalidade e suas convenções. A normalidade é uma necessidade coletiva, exigência ambiente - é preciso um mínimo de coesão e coerência para que o mundo se estabilize. Por isso, sempre existirão restos que sobram e fazem vibrar os corpos, em franca dissonância com relação à ordenação do coletivo em que se inserem. Se de perto ninguém é normal, longe do grupo também não.

Nem todos conseguem se acertar nesse ir e vir entre o comum e o bizarro. Sofrem por ter uma vida desajustada, afetos incongruentes, ideias desviantes ou mesmo delirantes - sua costura com o tecido social é feita de enlaces e desenlaces. Genética, circuitos dopaminérgicos, experiência de vida, maus-tratos na infância a lista de possíveis causas não tem fim. O que há de evidência segura? Uma posição de exterioridade com relação a si mesmo e à realidade compartilhada, que faz sofrer e que costuma precisar de cuidados, mediação e muitas vezes, medicação.

Há momentos, porém, em que os dissonantes se harmonizam com a comunidade vigente sem muitos comprimidos ou injeção, e de modo relativamente duradouro. Não só isso, como passam a até mesmo a propor ao coletivo uma nova sintonia.

Nessa frequência, desenrola-se o livro que o leitor tem em mãos. Antes de mais nada, ele é a crônica da longa experiência de trabalho de sua autora na encruzilhada delicada, e perturbadora, entre loucura e música. Além da apresentação clara e rigorosa dos conceitos que serviram de bússola para essa prática, reúne os delicados retratos do encontro de Bianca, sua voz e canções, com os que habitam o campo da reabilitação psicossocial do Rio de Janeiro. Incluem-se no percurso tanto camaradas de trabalho quanto os pacientes, classicamente ditos loucos. Demonstra-se como é possível encontrar uma composição entre estes atores que aos ditos pacientes permita melhor habitar a normalidade vigente.

Em nossos dias a loucura se diz esquizofrenia. Aqui, ela será abordada ao modo freudiano tal como formalizado por J. Lacan, será dita *psicose*. Longe de todas as teorias do déficit para traduzir, situar e propor ações, Bianca apoia-se na ideia de que o psicótico vê e percebe, em certo sentido, de modo mais aguçado. Ele não tem como se servir dessa espécie de filtro que muitos têm e que chamamos, às vezes, confiança, outras de fé. Só com fé se pode andar na plataforma do metrô

---

♦ BÁRBARA, Bianca Bruno. *Uma força estranha que me leva a cantar: A clínica das psicoses entremeadas por canções*. Rio de Janeiro: Oficina de livros, 2024 (no prelo).

tranquilamente sem medo de ser empurrado por um desconhecido. Só com fé se pode aceitar as regras às vezes tão arbitrárias da sociabilidade comum.

Essa fé institui uma cegueira parcial, óculos mediadores que nos fazem ver apenas o que aprendemos a ver naquilo que se desnuda diante de nós. Já o psicótico sofre de excesso: excesso de visão, de detalhes e de sons do mundo. Para ele, o ruído branco é impossível, o ronrom do ar-condicionado, por exemplo, não filtra e protege, conta histórias.

Muito já se propôs a esse sujeito às voltas com a dificuldade mais básica, a de definir o que, do que lhe chega dos órgãos do sentido, é dele e o que é do outro. Mas quase todas foram propostas impostas, de normalizar-se, trabalhar, casar, ter filhos. Destas, a mais consensual é a medicação, especialmente em sua vertente anestésica, a de redução da algaravia do mundo e um ruído branco. Esse anteparo químico muitas vezes permite uma reorganização da vida e eventualmente que se dispense conclusões delirantes para ordenar o absurdo do mundo que atrapalhavam mais que ajudavam. Melhor seguir o caminho geral, o da crença miraculosa de que o desconcerto do mundo tem algum sentido, apenas ainda não encontrado.

Neste ponto se insere a originalidade da proposta de Bianca. Ela não é a primeira a fazer convergir psicanálise e musicoterapia, mas instaura nesta convergência um campo pleno de possibilidades. Os numerosos relatos clínicos presentes no livro, permitem ao leitor acompanhar a aposta da autora na música como organizador subjetivo.

Não qualquer elemento sonoro, não qualquer música, mas especificamente as canções. Aqui, o trabalho de Bianca se cruza com o acontecimento da canção no Brasil, definida como esse nó vivo entre melodia, letra e voz entoada. Se, em algum lugar, a canção teve força de elevar realidades sociais ao sublime foi em nossas terras, tendo o samba, mas não somente, como seu pilar. É nessa força estranha, desse cruzamento tripartite que a autora aposta.

O resultado esperado é o de uma normalização paradoxal, pois quem monta o que estabilizará suas relações com o Outro será o sujeito em seu uso das canções que lhe servirem. A manobra terapêutica terá sido apenas a de lhe introduzir, pelo som e voz no cardápio espetacular de contos e cantos que o Brasil produz com sua música.

Para além da teoria lacaniana da psicose e da estabilização, a ferramenta conceitual fundamental para Bianca será a do objeto a, de Lacan, como voz. A voz do Outro, já antes do nascimento nos atravessa, nas vibrações intrauterinas, por exemplo. É uma forma de apreensão da presença desse outro que seguirá dessa forma pelo resto da vida. Ninguém sabe onde localizá-la com certeza. Ouço-a no interior ou no exterior de mim mesmo? De fato, as vibrações sonoras tanto nos atingem pelo ar, pelos ouvidos, quanto “de fora” por condução óssea, pela vibração do crânio. A voz, portanto, atravessa barreiras, desconsidera e fragiliza as divisões simbólicas com que nos habituamos habitar: dentro fora, o que é meu e o que é do outro, quem está falando e quem está ouvindo. A criança terá de definir essas diferenças pelo próprio exercício da fala. O balbucio, e aos poucos a fala, vão permitindo à criança apropriar-se daqueles sons, das palavras do outro de sua

língua materna. Elas, que eram todas externas, agora serão do sujeito. Nessa transposição quase mágica, a fala recorta e organiza a capacidade sonora da criança.

Do tanto de sons em que se estava imerso, no entanto, alguns fonemas serão privilegiados, outros perdidos, processo que Lacan chama *alfabestização*. A psicose é, em muitos aspectos um retorno episódico mais ou menos invasivo do estado de indiferenciação pré-alfabestização. Bianca propõe, então, neste espaço de indefinição entre eu e Outro instaurar uma canção.

A canção é a composição da voz, de uma pequena narrativa poética e da capacidade e habitá-la, ao entoá-la, e, quem sabe, levar alguma coisa dela, um fragmento que seja. O cruzamento do verbo e do som produz a possibilidade de uma estabilização. O que Bianca e seus os seus tantos parceiros de trabalho propõem é a aposta de que a música sustenta realidades e pode mesmo criá-las, nem tanto contando com a história, mas às vezes, contando apenas com o ritmo e a entonação com que é contada, especialidade da canção brasileira. Os exemplos são tocantes, nestes encontros Bianca oferece sua própria voz e corpo como caixa de ressonância. Deste modo, de Roberto Carlos a conversas de pura percussão, somos chamados, pelas pérolas clínicas de Bianca, a refletir, sentir, tomar posição.

Este livro nos ensina igualmente um pouco da história e das múltiplas possibilidades do campo da atenção psicossocial, em que é possível promover estabilidades não apenas de fora para dentro. Além do apogeu da MPB, encontramos neste livro o apogeu de uma luta que continua: que já se chamou reforma psiquiátrica, saúde mental, reabilitação psicossocial e ganhará, certamente, outros nomes. É toda uma história e especificidades que são mais ainda de vital repercussão quando, como neste momento, ganham protagonismo imposições mais ou menos brutais, ortopédicas, de estabilização.

Por tudo isso, esse livro tem o valor ímpar de uma encruzilhada, daquelas que Exu às vezes nos oferece. Meus votos são os de que ele possa servir de fomento para que se replique um pouco de suas propostas, e não apenas com a MPB como igualmente com outras manifestações musicais da voz entoada no Brasil do rap ao hip hop, do funk ao forró.

Por ter acompanhado esse trabalho de perto ao longo dos anos pude acompanhar como a passagem do trabalho para as crônicas do trabalho, os retratos dos casos, permitiu a Bianca tornar-se autora de sua própria experiência. Aqui conta-se sua história, ouvem-se suas músicas e de muitos outros. Aposto que você leitor vai sair, como eu e muitos que acompanharam esse percurso de perto, encantado.